



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

O PAPEL DA SOCIALIZAÇÃO NA INFÂNCIA

Autor: Eduarda Schu

Orientador: Prof. Dr. Gregório Durlo Grisa

RESUMO

O presente trabalho tem como tema o papel da socialização no período da infância e pretende explorar as influências das socializações primária e secundária, bem como compreender o modo como a escola contribui para isso. A metodologia utilizada no artigo baseou-se em uma estratégia de pesquisa qualitativa através de entrevistas e análise de conteúdo. Foi realizada revisão de literatura e, também, seis entrevistas, por e-mail, com professoras da educação infantil. Ao considerar o resultado, percebe-se que fatores sociais, emocionais e cognitivos são aperfeiçoados com o convívio social. A partir do momento em que o bebê nasce, é importante que o processo de socialização não seja negligenciado ou desvalorizado, seja na primeira ou segunda socialização. O resultado da pesquisa indica o desenvolver de habilidades como: linguagem, motricidade e habilidades comportamentais. Além da influência que a socialização tem na cultura e em crenças. Concluiu-se que as experiências adquiridas iniciam no meio familiar e persistem no ambiente escolar, sendo esse, um espaço de possibilidades também para crianças tímidas. O ambiente escolar desenvolve o trabalho em equipe, a construção de identidade, habilidades socioafetivas, respeito, empatia, diversidade, culturas e valores.

Palavras-chaves: Socialização, criança, importância, infância, ambiente escolar.

1 INTRODUÇÃO

A experiência social na infância possibilita que a criança aperfeiçoe suas habilidades comportamentais, compreende-se por habilidades comportamentais a forma que a criança age ao se expressar, ao respeitar a opinião do colega e conhecer o que lhe agrada e o que lhe desagradar. Por tornar-se membro da sociedade, a criança envolve-se na cultura, valores, crenças, normas e regras, além de desenvolver habilidades cognitivas, essas compreendidas por processar informações, e capacidades de concentração e memória e habilidades emocionais, reconhecer

sentimentos, autoconfiança, responsabilidade, resolver conflitos. A socialização oportuniza às crianças com características tímidas participarem das atividades com a turma, valoriza a diversidade, desenvolve empatia e respeito. Essa pesquisa aborda a experiência vivida pela criança na primeira socialização (grupo familiar) e na segunda socialização (grupo de amigos, colegas, professores). A aprendizagem que a criança adquire na vivência social permanece ocorrendo até a fase adulta. O objetivo desse trabalho é compreender a importância da socialização na vida da criança.

Considera-se que a abordagem do tema é importante para a área da Pedagogia, unindo teoria e prática. Uma vez que a socialização faz parte da vida de toda criança, torna-se fundamental refletir sobre o papel educativo da socialização sobre a ação que a escola cumpre nesse processo. A abordagem da escola perante alguns desafios fortalece características e habilidades comportamentais, como por exemplo, ser capaz de trabalhar em grupo, conviver, e estar em constante evolução.

A escolha do tema da pesquisa tem como propósito chamar a atenção da escola, dos pais e dos profissionais da educação para a influência que a primeira e segunda socialização possuem no desenvolvimento infantil. Compreender de que forma a socialização contribui para a formação da criança ajuda a tornar os envolvidos mais preparados para lidar com as adversidades sociais encontradas na área da educação manifestada como, variedade cultural, percebida pelo vestuário, modo de falar e nas tradições.

O artigo apresenta, primeiramente, a infância, seu conceito e perspectiva, destacando a ideia que se tinha da criança na idade média, diferentemente de como é na atualidade. A criança era vista como um miniadulto, sem direitos, impossibilitada do ato de brincar, da saúde, do lazer e de evoluir, sendo que, com o passar do tempo, foi percebido que a criança requeria cuidados extras.

No capítulo seguinte é abordado o valor da socialização no período da infância, ao identificar a criança na socialização primária, que é o processo de socialização inicial. O valor da socialização relatado nesse capítulo apresenta o sujeito se tornando agente de história e cultura.

No tópico 2.2 é descrita a contribuição social, de que forma ocorre o processo de socialização, apresenta como as relações influenciam no desenvolvimento, como no que tange à linguagem, ao emocional, ao cognitivo, entre outros aspectos. O tópico 3 exhibe a socialização como instrumento metodológico ao abordar a segunda socialização, momento em que a criança ingressa na escola e adquire experiências

no processo de ensino-aprendizagem, trata da importância do ambiente escolar e, além disso, ainda nesse tópico são discutidas as ideias de Piaget e Vygotsky. No capítulo seguinte, apresenta a metodologia utilizada no artigo que se baseou em uma estratégia de pesquisa qualitativa através da realização de entrevistas e análise de conteúdo, com seis professoras da área da educação, uma possui mestrado, três possuem graduação na área da pedagogia e duas possuem ambas, mestrado e graduação.

Verificou-se que os professores responderam a entrevista de acordo com suas opiniões e experiências vividas, as visões dos entrevistados mostraram-se similares, para tanto, foi preciso analisar detalhadamente o significado por trás de cada palavra. Os resultados iniciais apontaram para a importância da socialização na vida da criança, para seu desenvolvimento, além de mostrar que a socialização contribui para a formação da criança.

2 INFÂNCIA: CONCEITO E PERSPECTIVA

A análise da história da infância nos permite compreender como conceito é visto através dos séculos e o papel da socialização com a criança, sendo ela agente de história e cultura. Na idade média a criança era vista pela sociedade como um miniadulto, não havia direitos, como há hoje, para protegê-la. Para ser considerada um sujeito de direitos. Com o passar do tempo, ao mudar a forma como concebia a infância, a sociedade foi garantindo, em lei, um conjunto de proteções e direitos para as crianças. O direito de brincar, à saúde, ao lazer e do desenvolvimento no seu próprio tempo, usufruindo de uma base emocional, física e psicológica para alcançar a vida com plenitude, está previsto em lei nas sociedades contemporâneas. De acordo com o Art. 7º do Estatuto da Criança e do Adolescente.

A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência. (BRASIL, 1990).

O teórico Ariès (1981) faz uma análise crítica sobre a história e a maneira como a sociedade da idade média não julgava haver diferenças entre a fase da infância e a fase adulta, para ele a idade média é marcada pela ausência do sentido de infância, isso porque não se encontra narrativas sobre a ideia de infância, a qual está

incorporada na sociedade atual, com direitos, com a liberdade de brincar e de se desenvolver (ANDREÁ et al., 2003).

As vestimentas eram longas, o que dificultava o brincar, correr, escalar etc. e, por sua vez, atrapalhava o desenvolvimento físico. As crianças não recebiam cuidados a mais por suas especificidades como crianças, isso porque não havia diferenças ou uma separação em relação aos adultos. Sem discernimento da faixa etária suas especificidades, quando apta, a criança participava da sociedade, sendo que, depois de mostrar certa autonomia, passava a ser considerada, um miniadulto, para tanto, convivia e participava das mesmas atividades (jogos) e obrigações (trabalho) (LUSTIG et al., 2003).

Segundo Andréa et al. (2003), o tempo foi um grande aliado na evolução histórica do sentido de infância, as mudanças que ocorreram na sociedade foram lentas. Além das vestimentas, a percepção da arte também influenciou a posição da criança vista diante da sociedade.

Os acontecimentos artísticos (retratados em pinturas) apresentavam a criança em uma estatura menor que a do adulto, assim, a fragilidade mostrava-se nítida naquele ser, essas observações contribuíram para uma visão das diferenças físicas e mentais, com isso inicia-se a ideia de transformação social no sentido de haver um dever da sociedade com a fase da infância. A divisão da faixa etária também acompanhou o processo, mas não aponta o momento exato em que a criança deixa de lado a infância e se torna um adulto.

A divisão do ciclo de vida em períodos é uma construção social: um conceito ou prática que pode parecer natural e óbvio àqueles que o aceitam, mas na realidade é uma invenção de uma determinada cultura ou sociedade. Não há nenhum momento objetivamente definível em que uma criança se torna adulta ou um jovem torna-se velho (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 38).

Distinguir o momento da infância da vida adulta é uma construção social e cultural que auxilia pais e professores a compreenderem o processo e a evolução do momento em que a criança se encontra em relação ao meio social, físico e cognitivo. As idades são relativas para cada autor citado ao longo do capítulo, referindo-se a uma estrutura que facilita a compreensão e o trabalho com cada idade.

Pinto e Sarmiento (1997, p. 4) que “a luta pelo estabelecimento dos limites da infância é, em si mesma, uma das componentes do processo de construção social da infância”.

Na linha do tempo da história em que a infância não era reconhecida como o período em que se compreende que a criança é um ser que necessita de um olhar mais cuidadoso, percebe-se que a desenvolvimento ocorre em fases, até alcançar a vida adulta, porém, como os autores descrevem, não se pode delimitar quando uma fase termina e outra começa. Assim, o social torna-se um processo indispensável em muitos aspectos, já que esse é carregado de valores e desenvolve no período da infância.

2.1 O valor da socialização no período da infância - a socialização primária

“Socialização” segundo o Dicionário Online de Português (2017) é “ato ou efeito de socializar, de tornar social ou comum a uma sociedade [...] adaptação de uma criança à vida em grupo”. Todo ser humano é um ser social, que se adapta para pertencer a algum lugar. Segundo Berger e Luckmann (2005, p. 175), “A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade”.

Dessa forma, o sujeito se integra nos elementos socioculturais do próprio ambiente, tornando-se agente de história e cultura. O sujeito é, primeiramente, direcionado pelo grupo familiar, esse apresenta a educação, as crenças e a cultura vivenciadas de acordo com as normas e regras do grupo. De acordo com RCNEI (1998) a criança marca e é marcada pelo meio social.

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca (BRASIL, 1998, p. 21).

Os seres humanos enfrentam o processo de socialização para viver em sociedade e adequarem-se a um determinado grupo que se assemelha ao seu modo de viver. Os costumes e comportamentos também resultam da convivência em grupo, assim como, o desenvolvimento da aprendizagem.

A convivência social é fundamental para transformar o homem de ser biológico a ser humano social, e a aprendizagem que advém das relações sociais ajuda a construir os conhecimentos que dão suporte ao desenvolvimento (LEITE; LEITE; PRANDI, 2009, p. 205)

As habilidades resultam da troca significativa, da convivência e do processo social, além de guiarem a aprendizagem de hábitos e costumes que farão desse sujeito uma pessoa igualitária e bem-sucedida no campo social. Em concordância dos autores citados anteriormente, para as autoras Papalia e Feldman (2013, p. 228) “socialização é o processo pelo qual o sujeito desenvolve hábitos, habilidades, comportamentos, valores e costumes que as tornam membros responsáveis e produtivos de uma sociedade”.

Para Vygotsky (1991), “o homem possui natureza social, uma vez que nasce em um ambiente carregado de valores culturais: na ausência do outro, o homem não se faz homem.” (LEITE; LEITE; PRANDI, 2009, p. 205).

As consequências do processo de socialização tendem a carregar bons resultados quando a sua importância não é negligenciada, o estímulo resulta no desenvolvimento do sujeito e na autoestima.

O sujeito se orienta através dos significados que surgem do ambiente. Além disso, a vivência com seu meio estimula habilidade comportamental, ao se expressar, e respeitar a opinião do colega, emocional e cognitiva, processar informações o que é percebido do adulto é utilizado como um reflexo e reproduzido com determinadas ações dentro do seu limite físico e cognitivo. Dessa forma, a identidade será construída e influenciada.

A criança inconscientemente usa do processo de imitação e observação e devido a este fato destacamos o papel dos pais, que tem uma convivência maior do que os outros significativos e decorrentes a isto, a criança tem uma tendência maior de observar e imitar as atitudes dos pais (BERGER; LUCKMANN, 2005).

Os pais ou cuidadores, no caso de instituições como creches, se tornam um modelo a ser seguido. Nesse determinado momento, a criança é imatura no julgamento moral e, aos poucos, é influenciada pelo meio.

A socialização e o processo educacional em cada fase da criança possui processos diferentes. Na primeira infância a criança vivencia um ambiente mais afetivo e familiar, já na segunda infância ela está no primeiro e segundo ciclo da educação básica.

Na segunda socialização a escola se torna um ambiente de aprimoramento social.

2.2 A contribuição social, a criança e o outro – como ocorre o processo de socialização

Ao nascer, um bebê é totalmente dependente do adulto e de seus cuidados, na maioria das vezes esse cuidado surge dos pais e cuidadores, aos poucos o vínculo entre eles se fortalece e permite que o sujeito experiencie diversos momentos de aprendizagem.

O adulto não é capaz de transmitir as suas competências para a criança, mas pode originar o desejo e o interesse que flua para uma aprendizagem significativa, por meio de uma brincadeira ou ao despertar curiosidades no sujeito.

O processo de socialização ocorre em etapas determinadas pelo desenvolvimento cognitivo. Segundo Papalia e Feldman (2013, p. 209), “o desenvolvimento psicossocial dos bebês começa no estímulo, demonstram interesse e reagem a pessoas que interagem com eles, inicia-se uma troca social e recíproca, é essa interação que o sujeito busca para progredir”.

Os bebês são capazes de demonstrar emoções, embora incapazes de dominar a linguagem, emitem sons, como o balbuciar e pequenos resmungos e murmúros. Por consequência, o sujeito que desde o nascimento desenvolve-se bem está mais bem preparado para enfrentar as próximas etapas.

Através da atenção compartilhada que vai se tornando presente nas atitudes da criança, o adulto é capaz de auxiliar no processo de desenvolvimento cognitivo. A colaboração do adulto também influencia no desenvolvimento da linguagem, os sons e a repetição das palavras recebem mais atenção e tentativas de reprodução, esse é o desenvolvimento da habilidade sociocomunicativa.

Indo ao encontro disso, afirma Papalia (2006, p. 226) que “as influências sobre o desenvolvimento da linguagem incluem a maturação cerebral e a interação social. A comunicação com pais ou cuidadores desempenha um papel vital em cada etapa de desenvolvimento da linguagem”.

Com o surgimento da linguagem e a partir da curiosidade sobre o mundo ao seu redor, o contexto é avaliado e ocorre a percepção do sujeito que se distingue do mundo.

Segundo Papalia e Feldman (2013, p. 261):

[...] aproximadamente 1 ano e 6 meses de idade a quase 3, demonstram mais interesse pelo que outras crianças fazem e compreensão cada vez maior de

como lidar com elas. Essa compreensão parece acompanhar a consciência de si mesmos como indivíduos separados.

O meio onde a criança cresce se torna sua referência social, os valores, normas e crenças surgem de sua realidade cultural, seu modo de ser e viver não é determinado pelo perfil do grupo, mas, sim, adaptado e influenciado. Na infância, o sujeito inicia sua jornada com uma estrutura social já construída e cada grupo contém determinada individualidade cultural. Dessa forma, ao participar de grupos que envolvem outras pessoas, como colegas, amigos, e vizinhos, a criança convive com outros contextos que podem não ser semelhantes ao seu e essa percepção auxilia no respeito à diversidade, na construção da identidade.

Com a transformação do desenvolvimento, a criança passa a avaliar o seu próprio comportamento, pois as relações influenciam na forma de agir e pensar; a curiosidade se amplia, a forma de ver o mundo se modifica. “Da primeira infância em diante, o desenvolvimento da personalidade se entrelaça com as relações sociais; e essa combinação chama-se desenvolvimento psicossocial.” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 208).

O contato de crianças com a mesma faixa etária colabora para a forma como o sujeito se identifica, um passo fundamental para que ele compreenda quem é como indivíduo. Para as autoras supracitadas, a sociabilidade ocorre de diferentes formas para as pessoas, como a forma de se expressar, a personalidade, a segurança, além disso, algumas crianças possuem mais facilidade de se relacionar do que outras, o que não significa dizer que irão se tornar seres sem motivação e gosto pela interação social, contudo essa questão não deve ser ignorada, podendo, no futuro, desencadear problemas como o isolamento social.

Algumas crianças, evidentemente, são mais sociáveis do que outras, refletindo traços de temperamento como humor usual, prontidão em aceitar novas pessoas e capacidade de se adaptar à mudança. A sociabilidade também é influenciada pela experiência; bebês que ficam com outros bebês tornam-se sociáveis mais cedo do que aqueles que sempre ficam em casa sozinhos. À medida que as crianças ganham idade e participam cada vez mais do mundo fora de casa, as habilidades sociais tornam-se cada vez mais importantes. (PAPALIA; FELDMAN 213, p. 261).

Toda experiência de interação resulta na criança uma melhor adaptação frente a mudanças, rotina e ações, e em seu desenvolvimento, quando comparado a outra criança em que a importância da interação é negligenciada.

3 A SOCIALIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO

A segunda socialização é o momento em que a criança ingressa na escola e adquire experiências no processo de ensino-aprendizagem através da observação, da prática e da teoria. “Durante a segunda infância, as crianças passam a ter mais autocontrole e maior interesse por outras crianças” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 39). As brincadeiras que ocorrem no tempo livre permitem o desenvolver da cooperação, união e dos laços afetivos.

A escola permite que o ambiente seja vantajoso para interações grupais, para isso, o professor, além de mediador, é um facilitador que, através do trabalho pedagógico, promove as interações em grupo, possibilitando experiências e aprendizado. É fundamental que o professor apoie a brincadeira e o faz de conta, a fim de aperfeiçoar o desenvolvimento da criança.

Uma vez que Vygotsky (1991) entende o homem como um ser social, a interferência de outras pessoas (pais, professores, colegas) é um aspecto fundamental para o desenvolvimento da criança. Nesse processo, o professor deve ser o estimulador da zona de desenvolvimento proximal, provocando avanços nos conhecimentos que ainda não aconteceram (LEITE; LEITE; PRANDI, 2009, p. 209).

Percebe-se que Vygotsky descreve as relações humanas como a forma que o sujeito possui de aprender e criar cultura. O autor conclui que o conhecimento surge das relações. A aprendizagem é percebida de maneiras distintas por Piaget e Vygotsky.

As inquietações de Vygotsky sobre o desenvolvimento da aprendizagem e a construção do conhecimento perpassavam pela produção da cultura, como resultado das relações humanas. Por conta disso, ele procurou entender o desenvolvimento intelectual a partir das relações históricas-sociais, ou seja, buscou demonstrar que o conhecimento é socialmente construído pelas e nas relações humanas (LEITE; LEITE; PRANDI, 2009, p. 204).

Os teóricos discordam sobre a forma que a aprendizagem da criança ocorre. Para Piaget, as características biológicas têm um peso importante sobre o quanto a criança se desenvolve, já Vygotsky defende que a interação social é essencial para um bom desempenho, nessa perspectiva, a pesquisa em questão se apoia na teoria de Vygotsky.

Através da zona de desenvolvimento proximal, a criança passa a compreender o mundo que a cerca e quem faz parte dele. A aprendizagem que o sujeito adquire na vivência social permanece ocorrendo até a fase adulta.

É importante salientar que Vygotsky (1988) reconhece a importância das definições biológicas da espécie humana, porém, para ele, o que mais influencia na formação do indivíduo são as interações sociais que fornecem instrumentos e símbolos carregados de cultura, os quais fazem a mediação do indivíduo com o mundo, fornecendo-lhe elementos para a formação dos mecanismos psicológicos, fundamentais para as aprendizagens e o desenvolvimento (LEITE; LEITE; PRANDI, 2009, p. 205).

Para Piaget, o desenvolvimento cognitivo ocorre da maturação do sujeito para o ambiente, sendo esse um processo interno (biológico), a criança desenvolve a aprendizagem de acordo com o estágio de desenvolvimento em que se encontra. Vygotsky, em desacordo, ressalta que a aprendizagem requer uma relação social e enfatiza a aprendizagem de fora para dentro.

Segundo Vygotsky, o desenvolvimento da criança é um fator considerável, porém, sem a provocação, o desenvolvimento não resulta em aprendizagem. Vygotsky alega que a maturação, apesar de relevante, não é determinante. O desenvolvimento se conecta ao estímulo, que resulta em aprendizagem, sendo assim, um tornando-se consecutivo do outro.

Vygotsky contrapôs sua perspectiva sobre as relações entre a aprendizagem e o desenvolvimento à apoiada por Piaget. Segundo ele, os processos de desenvolvimento são independentes da aprendizagem. E mais, os processos de desenvolvimento são condição prévia para a realização de um aprendizado, porém não são alterados por ele. Ao contrário, explica o autor, para Vygotsky, ambos os processos estão intimamente inter-relacionados, porque a aquisição de qualquer habilidade infantil envolve a instrução proveniente dos adultos (CASTORINA et al., 1990 p. 3).

Segundo Vygotsky, as interações sociais agregam na formação do indivíduo, visto que a troca significativa transborda cultura e conecta o sujeito à sociedade. O teórico acredita no processo biológico da criança, mas destaca o papel da socialização na formação do indivíduo.

A prática pedagógica, apoiada no processo de socialização, trabalha a aprendizagem e o desenvolvimento. O ambiente escolar é carregado de cultura e aprendizagens significativas, dessa forma outros campos ganham força na prática pedagógica, como a linguagem em que o vocabulário da criança se amplia, por isso é

necessário um ambiente com o benefício da troca social. “A linguagem é um ato social. Não bastam o mecanismo biológico e a capacidade cognitiva necessários, é preciso também interação com um interlocutor vivo.” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 200).

Como Vygotsky descreveu, o conhecimento vem de relações humanas, que é capaz de auxiliar crianças que tem características tímidas a terem um desempenho melhor ao se expressar, resolver problemas, respeitar o outro, processar informações, compreender regras, reconhecer sentimentos.

Os laços afetivos permitem expandir a experiência social, emocional e a criatividade nas brincadeiras de faz de conta e fantasia, além de possibilitar aprenderem sobre si mesmas e sobre o outro. O benefício do desenvolvimento social na educação infantil também auxilia a criança a lidar com situações desagradáveis, como o medo, a ausência dos pais e a timidez. Todas as pessoas são seres sociais que, unidas, fortalecem o caminho umas das outras.

4 CONTEXTO DA PESQUISA

A metodologia utilizada no artigo baseou-se em uma estratégia de pesquisa qualitativa através da realização de entrevistas e análise de conteúdo. Foram entrevistadas, por e-mail, seis professoras que atuam na área da educação infantil.

O método de pesquisa qualitativa e a forma de revisão de literatura com a entrevista permite aos entrevistados serem espontâneos e flexíveis em suas respostas, mesmo que a mesma possua um roteiro prévio. Na ideia de Bardin (2011), a análise do conteúdo procura conhecer o que está por trás do significado das palavras (SANTOS, 2012).

Os dados foram coletados e analisados, o acesso às respostas se deu através de folhas digitalizadas e impressas para que fosse possível de cada resposta, em particular, o que tornou possível construir o texto com base na teoria e nas experiências profissionais de quem atua na educação infantil.

4.1 Análise de conteúdo

Realizou-se entrevistas com professores que atuam na área da educação infantil, os participantes responderam as questões de forma dissertativa (por e-mail), respeitando o distanciamento social em função do momento atual (pandemia). Foram

entrevistadas seis professoras, uma possui apenas magistério, três possuem graduação na área da pedagogia e duas possuem ambos, magistério e graduação.

A entrevista contém os seguintes assuntos: socialização e desenvolvimento na infância, comportamentos, valores e culturas e o papel da escola no processo de socialização. No quadro 1, a seguir, constam as informações sobre as entrevistas em relação ao tempo em que trabalham na educação infantil e quanto à sua formação acadêmica.

Quadro 1- Características das professoras entrevistadas

Entrevistada	Características
A1	Trabalha há 8 meses, é licenciada em Ciências da Natureza, com segunda licenciatura em Pedagogia e pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado
B2	Trabalha há 8 anos, licenciada em Pedagogia, especializada em Ludopedagogia, Literatura infantil e Educação inclusiva
C3	Trabalhou por 26 anos, formada em pedagogia
D4	Trabalha há 10 anos, tem magistério e é pós-graduada em educação infantil
E5	Trabalha com Educação Infantil há 8 anos, fez magistério
F6	Trabalha há 9 anos, fez magistério (curso normal), licenciatura plena em pedagogia e pós-graduação em neuroaprendizagem

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Quanto à primeira questão: A socialização potencializa o desenvolvimento da criança na infância? Ao refletir sobre a questão, os efeitos são positivos na visão das entrevistadas, para elas a socialização é de extrema importância, já que permite a criação de vínculos, desenvolve o lado afetivo e moral, como também o respeito e a valorização do outro, abre espaço para a diversidade de opiniões e torna possível a prática da empatia.

A socialização, ainda, potencializa as áreas socioafetivas, psicomotoras e cognitivas, sendo que também surge a oportunidade para crianças com características tímidas descontraírem e alcançar bons resultados no âmbito escolar e na própria evolução como sujeitos. Conforme relatos:

“o respeito mútuo, as regras, disciplina, as partilhas e cooperações em aula são necessários para o desenvolvimento moral e para formação da criança” (Entrevistada D4).

“Acredito que através da socialização, a criança desenvolve-se nas áreas socioafetivas, psicomotoras e cognitivas com mais facilidade, pois se sentem mais seguras e criam laços de amizade para explorar o mundo ao seu redor”. Entrevistada E5).

“A socialização infantil faz parte da aprendizagem da criança, pois é através dela que auxilia quando ela é tímida, trabalhando a socialização você está ajudando no desempenho escolar.” (Entrevistado C3).

“Crianças aprendem através do exemplo, da observação e dos estímulos. A socialização faz o maior estímulo de todos! Por isso a importância que a educação infantil seja vista como local de aprendizagem”. (Entrevistada F6).

Quanto à segunda questão: Para o desenvolvimento cognitivo e social da criança, é importante a socialização com outras pessoas desde muito pequena, antes mesmo da fala?

O comprometimento da educação e dos pais fortalece o contato afetivo e permite que a criança compreenda a forma de se relacionar com as pessoas, compartilhar e respeitar. Através das relações a criança experiencia o mundo ao seu redor. A socialização estimula o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento físico, ao conversar, brincar e interagir. Antes mesmo da fala, a criança é capaz de expressar seus desejos e sentimentos, os estímulos vindos do ambiente e das pessoas que junto convivem são essenciais. Os entrevistados reconhecem a importância dos estímulos dos pais e do ambiente nas afirmações a seguir.

“Sim. A criança aprende e compreende melhor o mundo que a cerca com as demais pessoas, por este o motivo de sempre interagir, refletir, entre outras. Nesta fase, a criança é muito observadora”. (Entrevistada A1).

“É notável a diferença entre as crianças onde os pais não interagem, estas demoram mais para falar, caminhar, brincar. Onde há outras pessoas que promovem sua estimulação, teremos como resposta uma criança que antecipa suas ações, que aceita melhor mudanças de rotina e, também, é estimulada a ter uma oralidade desenvolvida através da fala daqueles que com ela convivem”. (Entrevistada D4).

Quanto à terceira questão: Valores culturais, comportamentos e crenças são características vindas da socialização ou a criança adquire essas características sem influência?

Conclui-se que os valores culturais, assim como as crenças, iniciam através da socialização, ou seja, a criança adquire uma crença pois vivencia isso em um determinado momento, seja na base familiar ou em outras relações, como num grupo de amigos, na escola etc. Isso significa dizer que, em algum momento, essa criança recebeu tal valor ou crença através da influência dos grupos de convivência.

“Sim, cada criança carrega com si sua bagagem de conhecimentos. Essa bagagem é compartilhada com outras crianças, onde ocorre a construção de novos comportamentos e concepções, assim como a modificação dos mesmos”. (Entrevistada A1).

“A forma como interagimos e evidenciamos o nosso comportamento frente a um grupo molda nossas atitudes, influenciado o modo de ser e fazer de todo o grupo social. Assim, a maneira como nos portamos em determinado grupo depende das variáveis pelas quais, a cultura se manifesta e é vivenciada pelos pares”. (Entrevistada B2).

“Sim, pois acredito que tanto a cultura, o comportamento e a crença fazem parte do que somos.” (Entrevistado C3).

“O indivíduo tem uma convivência familiar que, para mim, é a base, e os diversos grupos onde cresce e interage influenciam em sua vida”. (Entrevistada D4).

“Sim.” (Entrevistado E5).

“A família é nosso primeiro ambiente de socialização, então acredito que sim. Nossos hábitos e valores vêm através da socialização”. (Entrevistado F6).

Quanto aos valores sociais (princípios e normas), ressalta-se que o incentivo de valores começa no meio familiar, a relação que os pais têm com seus valores é transmitida para os filhos, assim, tornando-se, também, deles. Os valores não são determinados somente pelo sujeito ou por um grupo social, mas por ambos.

“É determinado pelo meio, pois deve haver uma maturação do indivíduo para que ele consiga escolher seus valores, o meio influencia no decorrer da vida desde quando criança até a fase adulta”. (Entrevistada A1).

“Acredito que ao nascermos temos pré-determinados em nossa personalidade alguns valores gerados do afeto familiar, contudo, o meio físico interfere diretamente na forma de vincularmos eles a nós”. (Entrevistada B2).

“A escola como um grupo social trabalha os valores com seus alunos, mas necessita da contribuição familiar”. (Entrevistada C3).

“Eu penso que os valores familiares que são passados, esses permanecem, mas com o passar do tempo e o convívio com outros grupos faz com que o indivíduo perceba que há outros conceitos, outras opiniões”. (Entrevistada D4).

Na questão seguinte: como a escola pode cumprir, da melhor forma, seu papel no processo de socialização?

O meio onde a criança cresce se torna sua referência social, os valores, normas e crenças surgem de sua realidade cultural, a escola é uma excelente oportunidade para a criança aprender sobre cultura, raça e diversidade. A escola deve elaborar e planejar atividades que proporcionem interação e troca entre os colegas e, além disso, deve ser vista como um local de acolhimento. A maneira que a escola cumpre seu papel no processo de socialização é vista pelas entrevistadas como uma forma de ofertar um espaço para que as crianças falem sobre seus anseios, medos, ideias e vontades, para que construam sua identidade. Ainda, é o local de fala das famílias e troca de experiência, para tanto, o que resulta em um bom relacionamento com o outro. Conforme relatos:

“Através de atividades que incentivem o brincar em grupo, o estar junto com o colega. Além disso, atividades onde as crianças possam expressar seus sentimentos, como se sentem inseridos na escola”. (Entrevistada E5).

“A socialização não se dá apenas por ficarmos em um mesmo ambiente, mas sim, por termos a oportunidade de partilhar culturas, ideias e vivências” (Entrevistada 6F).

Sobre o questionamento relacionado ao fato de “a criança se sente imersa em um contexto diferente da sua realidade”, a escola promove aprendizados sobre diferentes dimensões da vida social (raça, cultura, religião) e as entrevistadas articulam que a escola é um ambiente onde o tema é apresentado com atividades de aprendizado significativo.

“As escolas tentam sim, porém são assuntos bem complicados, pois a família tem outra concepção, e isso afeta o raciocínio e compreensão da criança. Deveria ser uma parceria escola-família, o que é muito difícil acontecer”. (Entrevistada A1).

“Acredito que estamos no caminho, ainda há muitas formas de discriminação presentes no cotidiano cultural das famílias e na escola repercute muito. Precisamos trabalhar a diversidade cultural como algo familiar a todos os envolvidos no processo escolar, não algo isolado de um determinado grupo”. (Entrevistada B2).

“A escola trabalha sobre raça, religião, cultura, mas sempre respeitando cada criança. É trabalhando em geral para eles entenderem que existem as diferenças e que devemos respeitar, cada um é do seu jeito.” (Entrevistada C3).

“Penso que a escola promove aprendizagens sobre as diferentes dimensões da vida social, é assim que a criança tem conhecimento de outras raças, culturas, religiões e outras formas de vida” (entrevistada D4).

“Acredito que a escola promove aprendizagem sobre diferentes dimensões da vida social, mas não a ponto de a criança se sentir imersa em um contexto diferente”. (Entrevistada E5).

“Penso que a passos de formiguinha as escolas vêm descontraindo barreiras e abrindo espaço para o cotidiano, está menos focada nas atividades prontas e começa inserir o aprendizado significativo, valorizando as vivências das crianças e famílias. Mas, há muito para melhorar”. (Entrevistada 6F).

A participação da família se faz necessária para a compreensão da criança, dessa forma, escola e a família precisam caminhar juntas, sendo que, para muitas crianças, a escola é o único meio social de ampliação cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa possibilitou compreender de que forma a socialização contribui para a formação da criança, bem como sobre a sua importância no período da infância. Foi realizada, também, uma reflexão acerca do papel que a escola cumpre no processo de socialização, além disso, permitiu avaliar o ponto de vista dos professores perante o tema.

Verificou-se que a socialização contribui com a formação da criança por meio de processos interativos que favorecem o desenvolvimento da linguagem, e motricidade. Além disso, auxilia no trabalho em equipe, na construção da identidade, no respeito e empatia. Ainda, tem a possibilidade de conviver com a diversidade de opiniões, sendo que se sabe que as partilhas e cooperações são necessárias para o desenvolvimento e para a formação da criança.

As áreas socioafetivas, psicomotoras e cognitivas são as partes fundamentais da socialização no período da infância, visto que ao desenvolver o lado afetivo, surge oportunidade para as crianças desenvolverem suas características e se expressarem, sendo assim, a educação infantil é percebida como possibilidade de aprendizagem e exemplo, além de cumprir seu papel no processo de socialização, como ao ofertar espaço para que as crianças demonstrem seus anseios, medos, ideias e vontades a partir de atividades que incentivem a interação e troca em grupo.

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados e confirmam-se as hipóteses de que: o ambiente escolar proporciona construção de aprendizagens significativas; a

escola é um facilitador para a criança compreender sobre diversidade e desenvolver a linguagem, a motricidade; a família precisa estar em equilíbrio com a escola. Tudo isso com base nos dados obtidos através da pesquisa da análise de conteúdo e com base nas respostas das profissionais a partir das entrevistas, as quais relataram a importância da sociabilidade para o desenvolvimento da criança.

Os resultados revelaram que a primeira socialização e segunda socialização são instrumentos potencializadores no pensar, agir e desenvolver da criança, visto que o grupo de convivência influencia por meio do exemplo e estímulo.

Percebo, com esse estudo, que todo e qualquer social surge das relações que tivemos e as que ainda teremos, observo que as entrevistadas também compreendem a importância da socialização na vida da criança, apontando para o fato de que sem a sociabilidade não haverá um desenvolvimento pleno do sujeito. Acredito que esse assunto deve ser refletido com atenção, não devendo ser negligenciado por parte dos pais, cuidadores ou da escola.

Por fim, destaco que o trabalho foi relevante para minha formação e reflexão sobre a importância do tema, consegui ampliar meus conhecimentos e novos conceitos. Esse estudo me fez observar quão valioso é a criança poder crescer com plenitude e direitos, uma vez que isso foi negado na idade média e ainda o é para muitas crianças que vivem em vulnerabilidade no Brasil e no mundo. Hoje, ao menos formalmente, é garantido a criança que ela pode apreciar a infância, brincar e evoluir, nosso grande desafio social é tornar isso realidade para as crianças.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências**. Brasília, 1990. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt->

br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-aco-es-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf. Acesso em: 20 mai. 2021.

CASTORINA, J. A. et al. **Piaget - Vigostsky: Novas Contribuições para o Debate**. São Paulo: Ática, 1990.
<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/693/o/TR18.1.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

LEITE, C. A. R.; LEITE, E. C. R.; PRANDI, L. R. A aprendizagem na concepção histórico cultural. **Akrópolis Umuarama**, v. 17, n. 4, p. 203-210, 2009. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/viewFile/2900/2135>. Acesso em: 15 set. 2021.

LUSTIG, Andréa; CARLOS, Rinalda; MENDES, Rosane; OLIVEIRA, Maria. **Criança e infância: contexto histórico social**. Mato Grosso, 2003. Disponível em:

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. Universidade do Minho. 1997.

SOCIALIZAÇÃO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. 2017. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/socializacao/>. Acesso em: 01 mar. 2021.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In*: LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N.; VYGOTSKY, L. S. **Psicologia e pedagogia**. São Paulo: Moraes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.